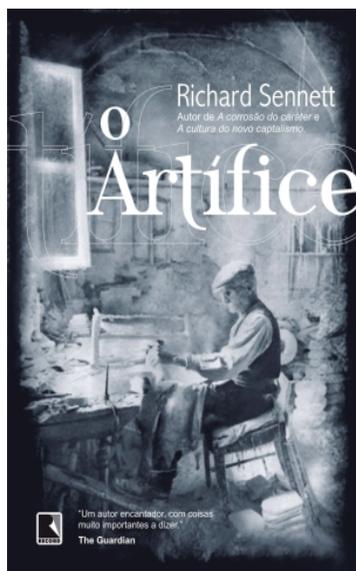


## Resenha

Natália Braga de Oliveira<sup>(\*)</sup>



**O Artífice.**  
**Rio de Janeiro, Record, 2009 (360 p.).**  
**Richard Sennett.**

O sociólogo Richard Sennett vem “desenhando” nos últimos anos um projeto que se desdobrará em três livros. Os dois primeiros tratam respectivamente das habilidades artesanais e da cooperação<sup>1</sup>, esta última, considerada também como uma espécie de habilidade, porém, no campo social. O terceiro livro, ainda não publicado, trata da construção das cidades, pretendendo unir as ideias de habilidades artesanais e a cooperação para pensar a possibilidade de um “urbanismo bem feito”. Adepto do pragmatismo, corrente filosófica que se sintetiza na ideia de experiência, os três livros que compõem o projeto giram em torno de um mesmo tema: a técnica como uma escolha de vida, como uma competência para conduzir a vida cotidiana de uma forma mais hábil.

---

<sup>(\*)</sup> Mestre em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ. Professora de Sociologia da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e da Rede Salesiana de Escolas (SER). E-mail: [oliveira.nb@hotmail.com](mailto:oliveira.nb@hotmail.com)  
1 Cf. Sennett, R. *Juntos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Em *O Artífice*, Sennett explora as possibilidades do uso das habilidades artesanais – a capacidade e a vontade de fazer bem as coisas por si mesmo – e sua importância, enfatizando o uso das mãos e reabilitando as atividades artesanais, colocando-as no mesmo patamar das atividades intelectuais. O objetivo é mostrar o quanto as atividades artesanais complementam as intelectuais, ao invés de se oporem. As atividades físicas requerem, em sua perspectiva, uma união entre corpo e mente, sendo, nessa união, em que reside a possibilidade do avanço criativo – tratado no livro como “salto intuitivo”. Por outro lado, a separação entre mão e cérebro traria prejuízos para o desenvolvimento intelectual humano. Não há, dessa forma, uma dicotomia. Na perspectiva de Sennett, o que ocorre é um debate entre o homem que faz e a matéria que manipula, produzindo uma união entre pensamento e sentimento no ato de fazer.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, Sennett se concentra em analisar o artífice, o homem que busca a excelência em fazer algo bem feito. Enfocando a ideia de consciência material, discorre sobre a intimidade do artífice com os materiais que manipula. Tal intimidade seria responsável pela construção de um diálogo entre ideias e práticas, criando hábitos que tornam o artífice hábil em resolver e detectar problemas. É importante destacar o papel que Sennett delega à máquina. Ao contrário de muitos outros pensadores e até mesmo do senso comum, a máquina não significaria a “morte” do artífice, mas um desafio. Ao tratar a máquina como a simples substituição das habilidades humanas, nossa sociedade tem nos transformado em sujeitos cada vez mais inábeis.

Na segunda parte o foco central é o trabalho manual em si, o artesanato. Nessa parte, o esforço é ainda maior em demonstrar a relação entre mão e cabeça, passando inclusive por debates sobre nosso desenvolvimento anatômico e a importância específica da capacidade dos dedos em “pinçar” coisas no desenvolvimento de nossas habilidades laborais e na construção da cultura. A tese sustentada é que as habilidades – qualquer uma – partem de práticas corporais, e que estas se desenvolvem a partir da capacidade criativa, numa relação dialógica. A criatividade, os processos de imaginação que nos capacitam a ter um melhor desempenho, se dá com base em uma capacitação física.

A última parte trata da habilidade artesanal em si, concluindo ao mesmo tempo em que propõe um novo olhar sobre a prática de fazer algo bem feito. A motivação do artífice em realizar bem uma obra é mais importante do que o talento, impulsionando-o para o desenvolvimento da técnica, através da repetição e da avaliação do seu trabalho – inclusive no

sentido ético dos resultados. A importância da motivação está no fato de que é ela que possibilita o desenvolvimento do talento, ao mesmo tempo também que pode se transformar em uma obsessão capaz de deformar o trabalho. A habilidade artesanal depende da nossa capacidade em fazer com que a vontade de realizar algo bem não se torne apenas uma obsessão, mas que produza resultados.

O intuito desse projeto, que se inicia nessa obra, não é tratar das questões dos contextos de trabalho em que vivemos e seus problemas, embora em alguns momentos cite as dificuldades criadas pelas instituições e por outros obstáculos experimentados no mundo do trabalho. Ao que parece, Sennett não se esquece desse tema, até porque o abordou em outros dois trabalhos anteriores<sup>2</sup>. Pelo contrário, ciente das dificuldades impostas pelas instituições e pela própria sociedade para o desenvolvimento do “bem fazer”, é provável que objetive criar um exercício de pensamento mais propositivo e menos focado nos problemas, o que vem fazendo falta no debate acadêmico e especialmente educacional. A ideia de que, apesar dos obstáculos, é possível – e necessário – desenvolver habilidades para se viver melhor, transpondo, inclusive, alguns desses obstáculos, é, talvez, a grande proposta do livro. Resgatar a importância das habilidades manuais seria resgatar a importância de um fator primordial na longa empreitada humana sobre a Terra, mas que as sociedades contemporâneas vêm desprezando, segundo o autor.

Ao ler um livro tão cheio de detalhes sobre as habilidades artesanais, poderíamos supor que o autor privilegia essas em detrimento das habilidades intelectuais. No entanto, podemos encarar sua atenção privilegiada, e muito bem detalhada, nas capacidades manuais e na relação dos homens com o mundo material como uma tentativa de ressignificar práticas há muito desvalorizadas no contexto das sociedades ocidentais. A escola e as avaliações de desempenho – tais como o ENEM – são exemplos substanciais de como as habilidades artesanais são ignoradas como sendo necessárias para a construção de sociedades mais conscientes de si mesmas e de suas conquistas, dificultando a construção de uma cultura material mais humanizada. A escola, de maneira geral, vem sendo um lugar de aprender “vendo”, mais do que um lugar de aprender “fazendo” – como as oficinas de trabalho. “O Artífice” se mostra como um bom ponto de partida para repensarmos questões cruciais do debate educacional atual, principalmente nos

---

2 SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006. SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

sentidos e objetivos da educação. Além de nos alertar para o fato de que a prática – que desenvolve habilidades por meio da repetição – pode ser um dos “remédios” para males como o déficit de atenção, o livro também aborda questões como a vocação e a motivação, palavras-chave no desvendamento do nó educacional em que nos encontramos. A instigante frase “Estamos prestando um desserviço aos que sofrem do distúrbio de déficit de atenção quando tentamos fazê-los entender antes de agir”<sup>3</sup>, coloca-se como um imperativo perante a uma transformação definitiva da escola.

Recebido em: 28/10/2013.

Aceito em: 04/11/2013.

---

3 SENNETT, R. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.